

as damas**christian ferrer ***

A de Duchamp foi uma viagem idiota. Isto é, sem objetivo nem rumo, uma viagem para qualquer lugar, por isso para Buenos Aires. Chegou num barco a vapor, junto com uma dama — Ivonne Chastel, sua esposa. Dele só se sabia que era um “artista” que um tempo atrás tinha instalado um mictório numa galeria de arte, e que com esse simples roque tinha chutado o tabuleiro, como apenas os reis e os bufões sabem fazer. Agora sabemos que esse homem ainda jovem era um grande artista, ou talvez um grande bufão, e que estava em seu melhor momento. E de repente, zás, em Buenos Aires, onde não conhecia ninguém, salvo os familiares de um amigo parisiense que dirigiam um prostíbulo. “Gente simpática”, segundo os descreveu em sua correspondência. Marcel e Yvonne tinham deixado Nova York, ela inteira um só arranha-céus, para ir a Buenos Aires, da que sabiam apenas o que cabe num sinal de interrogação. A viagem não teve incidentes, não sofreram de enjões e as estadas nos portos de passagem foram breves. Assim

* Professor na Universidade de Buenos Aires.

também, de ponta a ponta, movimentam-se os bispos e as torres, abrindo-se casas no tabuleiro.

Por acaso fugia da Primeira Guerra Mundial? Não é muito provável: estava longe dos acontecimentos. Fugia da fama? Era escassa ainda, não mais do que um escândalo inofensivo numa exposição. Também, em bares boêmios e em inaugurações nunca falta uma criança terrível — coisa que ele nunca foi. Para que veio então? Mistério... Nenhum mistério: foi uma viagem idiota. Não cabe outra explicação. Uma viagem porque sim, uma viagem porque não. Dizem que em Buenos Aires não teria feito nada de nada, ou talvez trabalhara em alguns slides estereoscópicos. Dizem também que lá teria procurado deter a queda do cabelo com toda sorte de experimentos capilares, ou ainda jogara xadrez ininterruptamente. Por certo, não falava espanhol, mas isso não foi obstáculo, pois o tabuleiro é perfeitamente mudo. Além disso, Duchamp tinha um rosto inexpressivo, assim como a maior parte dos enxadristas.

Durante sua estada não aconteceu muita coisa: nevou na cidade pela primeira e única vez em sua história, o presidente se chamava Hipólito Yrigoyen, estrearam dois filmes argentinos, *Buenos Aires tenebroso* e *A última traição*,¹ o jovem Borges redigiu alguns versos comunistas, fez muito calor nesse verão de 1919, e no mês de janeiro uma greve que foi reprimida a sangue e fogo se encerrou com oitocentos mortos e três mil feridos. E pouco mais. Duchamp diz ter comido bem, ter raspado a cabeça por completo, ter enviado um presente de casamento para sua irmã, ter tirado uma foto junto a uma cacatua, e não ter encontrado o menor sinal de vanguardismo estético no país. Também não pôde encontrar rastros de sua amiga Gertrudis Lowy, aliás Mina Loy, poeta e pintora, a quem ele apreciava e que sabia estar em Buenos Aires esperando pela chegada de seu

esposo Fabien Avernarius Lloyd, conhecido como Cravan, a quem apreciava muito menos. Muitos anos mais tarde Duchamp seguiria enviando poemas a Mina, que certa vez fora musa — isto é, dama — de seu amigo Man Ray e ao mesmo tempo autora de um manifesto feminista. Cravan era dadaísta e poeta, boxeador também, e dizia ser sobrinho de Oscar Wilde. Com sua esposa Mina tinham viajado anteriormente pela Argentina, Peru, Brasil e México, pagando comida e traslado por meio de exposições de pugilato e, já no Porto de Veracruz, separaram-se e marcaram encontro em Buenos Aires, onde Mina Loy, grávida, esperou por ele durante muitos dias e muitas noites. Aparentemente, Cravan teria embarcado num veleiro com rumo desconhecido, ou talvez não, não se sabe bem.

No começo, Duchamp pensou em jogar xadrez à distância por meio de cabogramas; depois, pensou que isso poderia ser feito mediante selos adesivos com as peças impressas; no final se inscreveu num clube local e também desenhou um tabuleiro e torneou ele mesmo uma e cada uma das peças necessárias, as brancas e as pretas, com exceção do cavalo, que foi feito por um artesão local. De todas as peças do xadrez, o cavalo é a mais imprevisível: corcoveia, arremete, improvisa e se desvia num instante. Parece obra do capricho, mas terá seus motivos, tanto como Duchamp os teve quando desde Buenos Aires enviou para sua irmã um objeto perecível chamado “ready-made desgraçado”, destinado a ser despedaçado pelo tempo e a chuva. Era um presente de casamento. Suzanne Duchamp casava-se com Jean Crotti, o marido anterior de Ivonne Chastel, a esposa de Marcel. Há vaivéns como este no tabuleiro, e mesmo que no jogo não costumem ser muitos os finais felizes, alguns rivais acabam como casais. Também, uma amiga de Duchamp tinha lhe dito que na Argentina “o importante não é a felicidade, mas o casamento.”

Essa amiga se chamava Katherine Dreier. Era mais do que isso: era sua cliente, sua patrocinadora e sua cúmplice. Uma dama branca. E ambos eram membros de um grupo de conspiradores chamado *A Sociedade Anônima*, cujo emblema era um cavalo desenhado por Duchamp. Katherine era, além disso, milionária e sufragista, e havia ido à Argentina para saber da condição social e política das mulheres dos pampas. Um ano depois publicaria uma memória da viagem. *Cinco meses na Argentina do ponto de vista de uma mulher*. Esse era o título do livro e por ele sabemos que Katherine Dreier considera o clima argentino relaxante e mortal para o espírito, que as mulheres saem para passear com damas de companhia e que isso é resultado da má influência dos mouros trazida pelos conquistadores espanhóis, que presenciou o desmantelamento da fonte das nereidas de Lola Mora, que concorreu ao Corso de Flores, que lhe causou estranheza descobrir que os homens portenhos passavam pó-de-arroz no rosto, e que também foi a muitos locais socialistas e de beneficência. Seus dias transcorreram entre curiosidades, ao passo e passeios proselitistas, e disso não tirou nada para si. Dir-se-ia que foi outra viagem idiota. Quando Katherine partiu de Buenos Aires num barco a vapor, levou consigo uma grande quantidade de folhas escritas, um estereoscópio e uma cacatua. Marcel Duchamp a acompanhou até o porto e se deixou fotografar com o pássaro no ombro, cujo nome era “Koko”.

É raro que os peões cheguem a protagonizar jogadas estelares no xadrez. Para eles estão reservados os maiores esforços, o trabalho sujo, são a carne de canhão. E costumam passar despercebidos. “Buenos Aires não existe”: é o que Duchamp escrevera a um de seus correspondentes em novembro de 1918. E no início de janeiro de 1919 escreve a outro: “Só é possível ir ao teatro”. Nem isso, porque nos dias que se seguiram Buenos Aires estaria revirada, bairros inteiros tomados por grevistas, guar-

As damas

das armados em todas as esquinas, ataques a lares judeus, e uma multidão anarquista enfrentando o exército e a polícia e disposta a estabelecer um mundo sem Amo e sem Deus. Quando terminou a jornada, havia feridos e mortos por toda parte. Em 13 de janeiro Duchamp confia a uma amizade epistolar: “sinto-me como um prisioneiro de guerra, pois o uniforme dos soldados argentinos é igual ao dos alemães”. O que tinha acontecido seria conhecido como a Semana Trágica de Buenos Aires, e Katherine Dreier transformou-se em improvisada cronista do levantamento. Nos diz que a cidade estava em guerra, que os grevistas destruíram incontáveis lâmpadas elétricas e lâmpadas de petróleo, que as ruas eram bocas de lobo, que o cortejo fúnebre dos primeiros anarquistas mortos foi alvejado por uma rajada de balas vinda de uma igreja, e que o fogo foi respondido com fogo, que se importaram trezentos fura-greve japoneses, que não houve jornais, e que ela percorreu esses dias entre o Plaza Hotel, o mais luxuoso da cidade, e o local da Federação Operária da Agulha. Por certo, a mulher tomou partido pelas peças negras, não pela chusma da baioneta. Décadas mais tarde, quando lhe perguntaram por que o rei torneado em Buenos Aires não estava coroadado com uma cruz, Duchamp respondeu: “Essa foi a minha declaração de anticlericalismo.”

Ivonne Chastel abandonou Buenos Aires em março de 1919, e em abril zarpuo Katherine Dreier, e em meados de junho foi embora Marcel Duchamp. Atrás ficou Mina Loy, perdida no tabuleiro e chamando inutilmente Cravan, o esposo perdido para sempre no Caribe azul.

Tradução do espanhol por Natalia Montebello.

Nota

¹ Título original: *El último malón*. N.T.

RESUMO

A passagem de Marcel Duchamp por Buenos Aires, no início do século XX, é uma experimentação da analítica histórica que se interessa pelo detalhe, abolindo demarcações teóricas para investir em existências e encontros.

Palavras-chave: Marcel Duchamp, dadaísmo, anarquismo.

ABSTRACT

Marcel Duchamp's days in Buenos Aires, in the beginning of the 20th century, is an experimentation of historical analysis that is interested in the detail, abolishing theoretical boundaries to invest in existences and encounters.

Keywords: Marcel Duchamp, dadaism, anarchism.

Recebido para publicação em 24 de maio de 2005 e confirmado em 6 de junho de 2005.